XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

RACISMO NA SOCIEDADE DIGITAL: ALGORITMO E DISCRIMINAÇÃO

Tamiles Souza Oliveira[1]
Anadir de Almeida Farias[2]
Isa Clara Andrade Sousa[3]
Wallace Almeida Gonçalves[4]
Juliana Costa Machado[5]

Introdução

O racismo digital e o racismo algorítmico são formas de reprodução dessa prática discriminatória no meio digital, utilizando-se de diferentes formas para atacar virtualmente as pessoas negras. A ampliação do uso das plataformas digitais, redes sociais e o aumento da imersão de pessoas no ecossistema digital nos últimos anos incorporou outras situações pré-existentes como o racismo (Carvalho; Melo, 2025).

O racismo caracteriza-se como um sistema de opressão e discriminação sustentado pela falsa crença em uma hierarquia de poder entre grupos, baseada em raça, pressupondo superioridade de uma em relação a outra. É oriundo das ideologias de exploração de seres humanos durante o período escravocrata e perdura até os dias atuais propagando-se por diferentes meios (Weber, 2025).

Nesse sentido, o meio digital é mais um campo de produção e reprodução do racismo, sendo assim, questiona-se: como o racismo digital e o racismo algorítmico atuam na reprodução dessa discriminação no ambiente digital? Ressaltando a relevância de compreender como essas duas formas de reprodução desse sistema discriminatório atuam para mediar formas de combatê-lo.

[1]Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós Graduação Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: enfatamilesoliveira@gmail.com.

[2]Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós Graduação Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: nnhfarias@gmail.com.

[3]Fisioterapeuta. Mestranda pelo Programa de Pós Graduação Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: isaclara10@gmail.com.

[4]Fisioterapeuta. Mestrando pelo Programa de Pós Graduação Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: wallacealmeidaaga@gmail.com.

[5]Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da UESB. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br.

Objetivo

Identificar como o racismo digital e o racismo algorítmico são produzidos e reproduzidos nas plataformas digitais.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em setembro de 2026, por meio da busca de artigos científicos nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* e Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave: Microagressões, racismo algorítmico, Plataformas digitais, Capitalismo de vigilância e Algoritmos, associados pelos operadores booleanos *AND* e *OR*. Obtendo inicialmente 153 resultados, após utilizar o recorte temporal dos últimos cinco anos, obteve-se 136 resultados. Ao analisá-los, a partir dos critérios: texto completo, ser artigo científico e estar disponível de forma gratuito, alcançamos 51 artigos, os quais foram submetidos à leitura superficial, reduzindo a amostra para 23 artigos que após leitura na íntegra culminaram na adequação de 14 artigos aptos.

Resultados e Discussão

O ambiente digital é mais um meio de reprodução de desigualdades raciais. As tecnologias mantém o padrão social que considera o marcador racial como um ponto de inferiorização de um grupo, seja em condições de trabalho digital, exposição midiática ou distribuição de conteúdo, potencializando a desigualdade racial existente (Melo, 2026).

O colonialismo informacional, é o processo de apropriação de dados de usuários por grandes corporações com intuito de replicar diferenças presentes no colonialismo histórico. Este corrobora com a utilização de condições históricas de inferiorização de um grupo em detrimento de outros para manutenção de uma estrutura de poder. Pessoas negras vivenciam o racismo de diferentes formas e o meio digital replica essas práticas, a exclusão ou participação parcial nas inovações tecnológicas, afirma essa forma de discriminação (Carvalho; Melo, 2025; Weber, 2025).

Esse processo de exclusão é percebido de diferentes formas. Uma delas é a exclusão econômica, que se dá pela falta de infraestrutura, de recursos, de equipamentos, internet com baixa qualidade de conexão ou limitação de pacotes de dados, condições vivenciadas por pessoas negras que dificultam o pleno acesso aos ambientes digitais e de usufruir dessa tecnologia (Carvalho; Melo, 2025).

Ademais, o processo de participação no meio digital para esse público, por vezes, ficou restrito a participação passiva, com acesso voltado apenas ao consumo: como produção de mídia para as redes sociais ou como telespectador dos conteúdos. E quando a contribuição foi para a produção efetiva de algum produto digital, estava mais direcionada ao desenvolvimento de produtos brutos (Araújo; Ribeiro, 2026).

Atrelado a esse uso, muitos dos usuários deparam-se com outra barreira presente no meio digital, são as menções racistas e os *cyberbullying*, essas são práticas racistas presentes no meio virtual, que afetam direta ou indiretamente a imagem de cada usuário e culminam no afastamento de pessoas negras do ambiente digital, mas especificamente, nas redes sociais (Brandão, 2025).

Destaca-se também a censura e o *shadowban* (punição aplicada em plataformas digitais), ambos utilizados para silenciar perfis que abordam e denunciam o racismo, de modo que estes são considerados ou associados como perfis de “discurso de ódio”, e sem que haja uma devida pesquisa acerca do conteúdo veiculado por esses perfis eles são suspensos (Brandão, 2025).

Outro fator que contribui com essa situação é o racismo algorítmico, produtos da falta de neutralidade dos algoritmos. Os meios digitais por meio da centralização dos dados, são alimentados por conhecimentos eurocêntricos, relacionados à história, à cultura, à estética e demais informações direcionada a estética "branca" (europeia ou norte-americana), diante disso, os algoritmos, não neutros, atuam fazendo a moderação de conteúdos, por meio de conceitos socialmente construídos diante de uma estrutura de poder, que favorecem determinados grupos e consequentemente desfavorecem outros (Carvalho; Melo, 2025; Melo, 2026).

A influência algorítmica também está presente na inteligência artificial, que sofre influência do estereótipo eurocêntrico e norte-americano, reproduzindo padrões de embranquecimento. Ao solicitar a uma Inteligência Artificial (IA) a criação de uma imagem de uma pessoa negra, ela, em sua grande maioria, gera a imagem de uma pessoa com características de maior embranquecimento: pele negra com tom mais claro, cabelos com estrutura cacheada definida, traços faciais finos, corroborando com a ideia de moderação racista do algoritmo. Demonstrando que há um padrão diante da imagem, do estereótipo desse grupo, apagando uma diversidade de características e identidade.

Nessa perspectiva, o algoritmo faz uma moderação nas informações, atuando no silenciamento, bloqueio ou modifição de conteúdos relacionados a questões raciais e a exclusão digital desse grupo (Weber, 2025). Desse modo, o racismo algorítmico é apresentado não como uma pane no sistema, mas como mais um meio da estrutura social, econômica e política nas quais as tecnologias são utilizadas para produzir e reproduzir o racismo, sendo considerado um instrumento de poder e dominação ágil e de amplo alcance.

Ressalta-se também, que a falta de neutralidade pode ser um fator importante na dificuldade de engajamento de perfis de pessoas negras em meios digitais, esse grupo tem menor alcance e sofre limitações e dificuldade no engajamento de seus perfis nas redes sociais, tornando mais difícil o desenvolvimento dos seus conteúdos, que nem sempre têm relação com movimentos raciais (Weber, 2025).

Diante disso, há necessidade de modificar comportamentos e conteúdos para evitar consequências negativas, adaptando o algoritmo por meio do controle acerca da produção e reprodução de dados e mídias por pessoas negras e sobre questões raciais. Ademais, a relação de exclusão digital desse grupo pode culminar no epistemicídio, apagando a representatividade cultural, destacando a necessidade de manter a resistência da construção de narrativas relevantes no ambiente digital (Araújo; Ribeiro, 2026).

No entanto, o racismo digital não está atrelado apenas a ataques em plataformas digitais ou perfis em redes sociais, mas também da exploração de trabalhadores. Há evidências de que a exploração econômica dos trabalhadores e às desigualdades raciais se perpetuam no contexto das plataformas digitais (Melo, 2026).

O ambiente de trabalho digital tornou-se um meio desigual, principalmente para pessoas negras. Em plataformas de avaliações de serviços e produtos de grandes empresas, percebe-se que os sistemas de pontuação, avaliações e desempenho são utilizados na organização e controle do trabalho, mecanismos que o sistema racista utiliza para reproduzir a discriminação racial presente nas avaliações dos usuários. Grande parte das avaliações consideradas entre média, ruim ou péssima eram direcionadas a trabalhadores negros, demonstrando que a compreensão das discriminações raciais são importantes na compreensão dos efeitos dessas plataformas (Melo, 2026).

Essas avaliações racistas dos usuários geram informações que são incluídas nas plataformas, gerando uma continuidade de uma prática racista humana por meio do algoritmo que irá oferecer produtos digitais semelhantes para esses usuários. Diante disso, as plataformas concentram o controle sobre as regras, dados e algoritmos, criando relações desiguais no ambiente de trabalho digital (Melo, 2026; Weber, 2025).

Há evidências também acerca da grande influência no poder econômico das grandes empresas de tecnologias, as quais controlam a grande quantidade de dados e possuem influência sobre o funcionamento das plataformas digitais. Essas empresas ou Big Techs, durante a estruturação dos seus sistemas informacionais definem regras de inclusão, exclusão, comportamento e circulação de informações nas plataformas digitais (Abreu; Abreu; Santos, 2026).

Conclusão

Diante do exposto, percebe-se que o ambiente digital, embora represente possibilidades de participação, comunicação e produção de conhecimentos, também produz, reproduz e amplia desigualdades raciais historicamente constituídas. O racismo digital e o algorítmico racista manifesta-se por meio da exclusão econômica e tecnológica, da violência virtual, da censura, do apagamento e não reconhecimento das narrativas antirracistas e a exploração dos trabalhadores.

A falta de neutralidade do algoritmo e controle exercido pelas grandes empresas de tecnologia contribuem para a manutenção de estruturas de poder e dominação. Nesse sentido, torna-se fundamental promover maior equidade digital, ampliar a participação de pessoas negras na produção de tecnologias e fortalecer mecanismos de enfrentamento às práticas racistas no ambiente digital.

Descritores: População Negra. Racismo. Racismo Algorítmico. Racismo Digital.

Referências:

ABREU, Igor Souza; ABREU, Ivan Souza; SANTOS, Marlene Souza. Racismo algorítmico, vigilância e controle social no Brasil: impactos e perspectivas do uso das tecnologias na era digital. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 33, n. 65, p. 6-16, 2025. Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/20611. Acesso em: 11 set. 2026.

ARAÚJO, Júlio; RIBEIRO, Rayron. Letramento racial e ecologias digitais de enfrentamento ao racismo algorítmico. **Anthesis**, [*s. l.*], v. 14, n. 1, p. 3-14, 2026. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/9302. Acesso em: 11 set. 2026.

BRANDÃO, Talita Vasconcelos. Microagressões necropoçíticas na repercussão *online* da violência letal contra pessoas negras. **Revista CROSSPOINT**, Campinas, SP, v. 1, n. e02053, 2025. Disponível em: https://www.revistas.unasp.edu.br/crosspoint/article/view/2053. Acesso em: 11 set. 2026.

CARVALHO, Mônica Gurjão; MELO, Renan. Plaraformização do trabalho e racismo algorítmico: o capitalismo racial na era do trabalho por plataformas digitais. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 33, n. 65, p. 17-50, 2025. Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/19934. Acesso em: 11 set. 2026.

MELO, Gustavo Boudoux. A interseccção entre o processo digital, racismo algorítmico e o capitalismo informacional nas plataformas e redes sociais. **Direito & TI**, [*s. l.*], v. 1, n. 22, p. 1-14, 2026. Disponível em: https://www.direitoeti.com.br/direitoeti/article/view/283 . Acesso em: 11 set. 2026.

WEBER, Alex Ricardo *et al*. Racismo Algorítmico: uma análise da inteligência artificial a partir de Djamila Ribeiro. **Revista Intersaberes**, [*s. l.*], v. 21, p. e26do203, 2026. Disponível em: https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/3096. Acesso em: 11 set. 2026.

Utilização da Inteligência Artificial Generativa: Não se aplica.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência